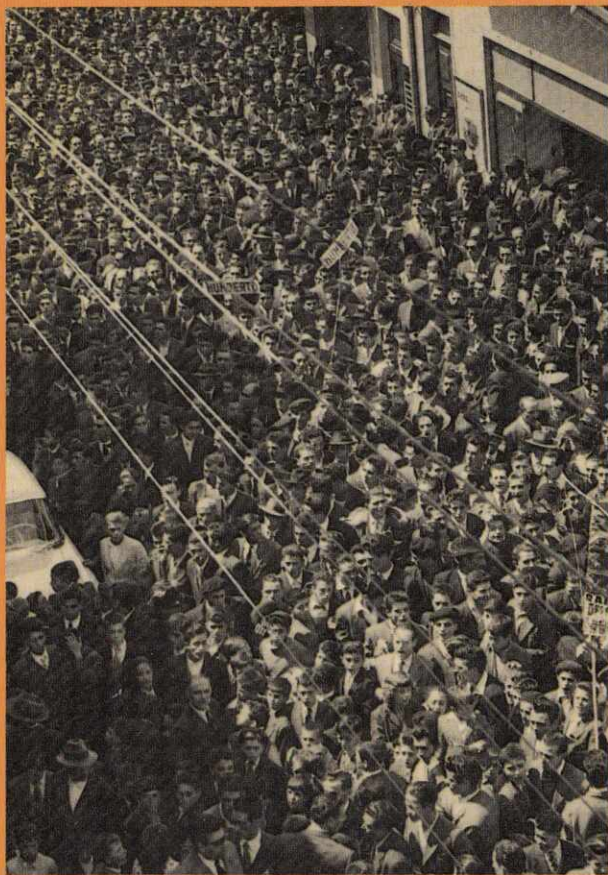


JOSÉ RICARDO

# Romanceiro do Povo Miúdo

Memórias e confissões



COLEÇÃO "RESISTÊNCIA"

edições  
**Avante!**

Shi

ROMANCEIRO DO POVO MIÚDO

Autor: José Ricardo

Capa: Luís Silva

© Editorial «Avante», SA, Lisboa, 1991

Tiragem: 2000 exemplares

Impressão e acabamento: Tipografia Lousancense, Lda.

Data de impressão: Julho de 1991

Depósito Legal n.º 43 408/91

ISBN 972-550-192-6

JOSÉ RICARDO

# Romanceiro do Povo Miúdo

Memórias e confissões

Explicação, notas e edição  
de Lino Lima

COLEÇÃO "RESISTÊNCIA"

edições  
**Avante!**

Shi

e a Democracia. E, por isso, começaram a chegar lá, vindos de toda a parte, operários, camponeses e intelectuais, homens de muitas profissões e de muitos credos políticos, que pediam uma arma e, ombro a ombro com os seus irmãos espanhóis, iam para a frente de combate lutar contra os fascistas.

Só mais tarde, pouco mais tarde, quando comecei a fazer a minha educação política, lembrei e compreendi estes factos que, na altura da sua ocorrência, não soube valorizar convenientemente. A breve trecho, porém, eu ia dar-lhes um preciso significado político, saberia ler o que neles se continha, a força de que estavam impregnados, o valor humano e a heroicidade de que muitos deles se tinham revestido.

Compreendi que, em Espanha, se travava um combate que poderia provocar um passo em frente no desenvolvimento da Democracia e uma situação que facilitasse o derrubamento da ditadura salazarista.

Aqueles que se reuniam e discutiam no quarto de Armando Castro viviam intensamente cada pormenor da guerra civil e da situação política na Espanha. Ouvíamos a rádio dos países democráticos, transmitíamos as notícias uns aos outros e líamos tudo quanto, vindo do estrangeiro, ficava no nosso alcance. Frequentavam aquele quarto Joaquim Namorado, Armando Bacelar, Pinto Loureiro, Álvaro Feijó, Lino Lima, Fernando Marta, Fernando Fontinha, Egídio Namorado, Rui Feijó, Alvaro Castro, às vezes também Mário Ramos e César Anjo Filho e outros. José Martins, que tivera inicialmente grande influência sobre certos daqueles, já havia ido para o Porto, mas aparecia de quando em quando. Mais tarde Raul Castro veio ter também ao quarto do irmão. Era uma nova geração, a do Salgado Zenha, que chegava a Coimbra e iria forçar o fascismo a aceitar eleições para a Associação Académica.

O materialismo histórico e o materialismo dialético eram temas favoritos das conversas, de aprendizagem e de discussão. Procurávamos saber a realidade da União Soviética, compreender os diferentes lances da Revolução Socialista e, ao mesmo tempo, tentávamos conhecer a verdade sobre o nosso país. A importância social da arte foi também tema de debate que teve a sua repercussão na polémica com a «Presença» acerca da «arte pela arte». Mas era variado o mundo daquele quarto, muitos dos jovens que por ele passavam, muitos os interesses sociais, literários e científicos que nele se cruzavam. A ciência do Direito, por exemplo, era motivo de estudo aturado de alguns, como Armando Castro e Pinto Loureiro, que tinham altas classificações. Fontinha dedicava uma particular actividade ao desporto.

Outros rapazes havia que, tendo as mesmas preocupações políticas

e literárias que nós tínhamos, não apareciam no quarto do Armando Castro ou raras vezes apareciam. Porém, daqui e da casa de João Cochofel, frequentada por Carlos Oliveira, Ferreira Monte, Fernando Namora, Breda Simões, Manuel de Azevedo, João Gaspar da Costa e outros daquela mesma geração é que nasceram, pensadas e acabadas, muitas iniciativas desses tempos, nomeadamente a publicação do conjunto dos livros de poesia que teve o título genérico de «Novo Cancioneiro».

Por ali passaram e se consciencializaram muitos dos homens que, ao longo destes anos, se têm mantido numa luta constante contra o fascismo.

Creio ter sido das conversas no quarto de Armando Castro <sup>(1)</sup> que nasceu a ideia das reuniões de quarta-feira, à noite, na residência de João Cochofel. Este tinha ali, no rés-do-chão da sua casa, um escritório

---

(1) Armando Castro já então revelava uma personalidade muito rica a vários títulos. Estava sempre preocupado com os problemas dos outros e disposto a ajudá-los, sem fazer disso alarde. De grande modéstia, falando baixo, discreto mas jovial, era e é um companheiro invulgar. À primeira vista pode parecer um homem atrapalhado e temeroso. Puro engano. Toda a vida tem sido uma pessoa desembaraçada e sem medo, embora seja cauteloso. O seu quarto, em Coimbra, ficava a cerca de 300 metros das instalações da polícia política, a PVDE. Apesar disso nunca levantou quaisquer entraves às visitas e reuniões, que nele se sucediam, de um grupo de estudantes antifascistas. Em 1958 foi fazer uma viagem, durante cerca de quatro meses, através das colónias portuguesas de África, que percorreu em todas as direcções e servindo-se dos mais variados meios de transporte, recolhendo elementos para um estudo profundo da situação socioeconómica de cada uma delas. No regresso foi imediatamente para uma casa clandestina e ali ficou dois meses a escrever o livro *O Sistema Colonial Português em África (Meados do Século XX)*, que só seria publicado, em Portugal, depois do 25 de Abril. A sua constante acção política, quer de natureza clandestina, como membro do Partido Comunista desde meados da década de 30, quer nos movimentos da Oposição Democrática, não o impediu de, em 1947, com a *Introdução ao Estudo da Economia Portuguesa*, ter iniciado a publicação de uma obra científica sem qualquer suporte nas instituições universitárias. Com efeito, perseguido pelo fascismo, só ascende a professor catedrático da Faculdade de Economia do Porto depois da Revolução de 25 de Abril. Até esse momento viveu, a contragosto, do exercício de uma advocacia pobre, que às vezes não lhe proporcionava rendimentos suficientes para pagar a renda da casa. Nada disto o impediu de publicar uma extensa e variada obra científica, cheia de originalidade, abrangendo a economia teórica e aplicada, história económica e social, história do pensamento económico e teoria do conhecimento corrente, científico e filosófico que já começou a ser estudada e citada, além de Portugal, no Brasil e na Espanha. Pressenti o valor e o futuro científico de Armando Castro, cuja profundidade e variedade de saberes me impressionavam e, por isso, logo em Coimbra, comecei a chamar-lhe, com ar de brincadeira, mas muito a sério, *o Sábio*. Joaquim Namorado e Fernando Fontinha imitaram-me. Ele ria-se, quando isso se passava só entre nós. Mas se estavam outras pessoas, ficava muito envergonhado e a sua cara tomava a expressão de um menino apanhado a cometer uma falta. O futuro mostrou que eu tinha razão. (L. L.)

com largas janelas envidraçadas que davam para um pequeno jardim interior. Nele entrávamos, um a um e com certo cuidado, para não darmos nas vistas, por uma porta estreita, aberta para a Rua do Loureiro, à esquerda de quem sobe, logo a seguir ao arco.

Então eu não sabia, e creio que os outros também não, que era nas casas que se seguiam a esta porta que, em 1829, reunia a associação secreta dos Divodignos, à qual pertenciam os estudantes que assassinaram e feriram os lentes de Coimbra que iam a Lisboa, em nome da Universidade, cumprimentar D. Miguel pelo seu regresso. A nossa filosofia política repudiava o terrorismo e, por isso, estas recordações não mereciam o nosso particular interesse.

Não frequentávamos sozinhos essa casa apalaçada da família de João Cochofel. A sua avó e a mãe, gente de pergaminhos, latifundiários no Alentejo, tinham os seus amigos e as suas visitas, entre as quais José Alberto dos Reis, que era presidente da Assembleia Nacional e amigo pessoal de Salazar. Isto não as impedia de serem receptivas para os amigos de João Cochofel e, por isso, passaram por aquela casa, com assiduidade, antes e depois de nós, Fernando Lopes-Graça e José Gomes Ferreira, entre outros.

Nas reuniões de quarta-feira à noite apresentaram-se trabalhos que eram motivo de discussão e crítica, «uma crítica sem punhos de renda», reclamava Lino Lima. Lembro-me de que Armando Castro, por exemplo, fez uma análise das teses de Dimitrov sobre a Frente Popular. Com as janelas fechadas para nada se ouvir cá fora, em dada altura da noite era certo e sabido que a securá das gargantas, provocada pela palavra e pelo fumo, reclamava água. E repetia-se sempre a mesma cena, quando a pedíamos. Joaquim Namorado dizia, com o seu ar altivo de peão alentejano: «Para mim, quero *Água das Pedras*.» Daí a algum tempo entrava uma criada, uma jovem loura e bonita, que ele dizia, com razão, «ter saído de um quadro de Rubens», vestida a rigor, de preto, com avental e peitilho branco, distinta, trazendo uma grande salva de prata trabalhada, cheia de copos de cristal, uma caneca de cristal com água comum e uma garrafa de *Água das Pedras*. E nesta ninguém tocava, à não ser aquele que a pedira e a consumia com um prazer de proletário que bebe à custa da grande burguesia.

Joaquim Namorado nunca perdeu totalmente uma certa marca de provocador do tempo em que andava de laço à Lavalière e um vidro de relógio encaixado no olho, para gozar e estarrecer o burguês. Era ainda a época do futurismo. Almada Negreiros tinha feito há anos a célebre conferência em que, de quando em vez, gritava: «Morra o Dantas! Pim!» Agora, com consciência política e idéias claras sobre os problemas da sociedade, ficou no Joaquim Namorado alguma coisa do provocador futurista que dá tanto sabor à sua conversa e à sua companhia. Embora seja incómodo para os tartufos, ele é um personagem que ficará ligado não só aos movimentos e actividades literárias